

MULHERES INDÍGENAS DO MATO GROSSO DO SUL E(M) ASSOCIAÇÕES

CENTRONE, Letícia Destri¹ (lee.destri@gmail.com); BECKER, Simone² (simonebk@yahoo.com)

¹ Discente do curso Relações Internacionais na UFGD

² Docente da Faculdade de Direito e Relações Internacionais na UFGD, do PPGAnt-PPGS e bolsista de produtividade PQ-CNPq.

Introdução

A Aty Kunã trata-se da grande assembleia das mulheres Guarani e Kaiowá. Tal assembleia advém da Aty Guasu que é a grande assembleia dos Guarani-Kaiowá. A Aty Guassu acontece desde a década de 1970 como forma de luta e resistência dos Guarani-Kaiowá perante a expropriação de seus territórios tradicionais. É só em 2006 que acontece a primeira Aty Kunã, após o despejo de *Nanderu Marangatu* como maneira de iniciar um movimento de mulheres, mas também como forma de fortalecer a comunidade (ANZOATEGUI, 2017). A Aty Kuña tem o foco nas pautas das mulheres, com toda a comunidade sendo convidada a participar, uma vez que lá são discutidas temáticas como violência doméstica, políticas para as mulheres indígenas, dentre outros que afetam a todos. Torna-se nítido que apesar de o foco da Aty Kunã ser as pautas das mulheres Guarani e Kaiowá, elas não as desvinculam da pauta da demarcação de terras. Corpo é o território e elas/eles são possuídos pela terra, ao invés da máxima Ocidental de determos a terra (VIVEIROS DE CASTRO, 2017). Portanto, a luta das mulheres indígenas, manifestada na Aty Kuña, não é apenas por seus direitos específicos, é também uma forma de fortalecer a luta principal dos povos indígenas, que é a demarcação de seus territórios tradicionais.

Metodologia

A metodologia usada é a revisão bibliográfica dos movimentos de mulheres indígenas no país, usando referenciais teóricos como Ângela Sacchi (2005), que tem um trabalho voltado para o associativismo de mulheres indígenas no norte do Brasil, e também trabalhos produzidos no Mato Grosso do Sul voltados para as Guarani e Kaiowá, como o de Priscila Anzoategui (2017) e Lauriene Seraguza (2013), entre outros. Além disso, uso do trabalho de campo em eventos, conversas e atividades nas quais mulheres Guarani e Kaiowá estavam presentes para melhor apreensão da revisão bibliográfica.

Objetivos:

- Sistematizar e analisar as produções sobre os movimentos de mulheres Guarani-

Kaiowá no Mato Grosso do Sul, tendo como inspiração os diálogos das produções sobre associações de mulheres indígenas no norte brasileiro;

- Compreender como se dão as perspectivas de gênero dentro de uma associação de

mulheres indígenas, quais são suas demandas e seu papel nas comunidades indígenas;

Discussão/ Resultados

A 4ª Aty Kuña, a Grande Assembleia das Mulheres Guarani Kaiowá, foi realizada entre os dias 18 a 22 de setembro de 2017 em Kurussu Amba, município de Coronel Sapucaia no estado de Mato Grosso Do Sul. Dediquei-me a analisar as produções sobre associativismo de mulheres indígenas no país, tendo como objeto a análise da Aty Kunã. Analisando a Aty Kuña pude notar que as violências contra as mulheres Guarani-Kaiowá são inúmeras, elas se encontram vivendo em condições precárias, em que acesso a condições básicas como saúde e educação lhes são ainda negadas pelo Estado. Além disso, o machismo e o patriarcado estão tão presentes nas aldeias como estão fora delas, em números significativos de violências contra as mulheres.

Entretanto, a maior violência e mais discutida violência cometida contra a mulher Guarani-Kaiowá é expropriação de seus territórios. A luta das Guarani-Kaiowá não está desvinculada da luta do resto de seu povo. A princípio a Aty Kuña pode parecer uma assembleia para discutir “apenas” as pautas relacionadas somente as mulheres. Contudo, a principal pauta delas é a luta pela demarcação de seus territórios tradicionais. Dessa forma, a Aty Kuña é um espaço em que as mulheres são as protagonistas na discussão sobre seus territórios tradicionais. Por fim, a principal diferença entre as mulheres Guarani Kaiowá para as indígenas no norte do Brasil fica evidente quando se observa a diferença de terras demarcadas ao norte do Brasil para a quantidade de terras no centro-oeste brasileiro. Tal fator, como suscita Priscila Anzoategui (2017) quiçá influencie nos movimentos de mulheres indígenas do norte do país serem atravessados por elementos distintos em relação ao das mulheres Guarani e Kaiowá. Dentre eles, nas maneiras como as próprias organizações das assembleias se dão.

Bibliografia

ANZOATEGUI, Priscila (2017). “SOMOS TODAS GUARANI-KAIOWÁ”: ENTRE NARRATIVAS (D)E RETOMADAS AGENCIADAS POR MULHERES GUARANI E KAIOWÁ SUL-MATO-GROSSENSES. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados/MS.

SERAGUZA, Lauriene (2013). Cosmos, corpos e mulheres Kaiowa e Guarani : de Aña a Kuña . Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados/MS.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2017). Sobre a noção de etnocídio, com especial atenção ao caso brasileiro. Disponível em: https://www.academia.edu/25782893/Sobre_a_no%C3%A7%C3%A3o_de_etnoc%C3%ADdio_com_especial_aten%C3%A7%C3%A3o_ao_caso_brasileiro. Acesso em: jan.2017.



Realização:

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

UEMS
Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

Parceiros:

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento